

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

ANDERSON MIOTTO

CERTIFICAÇÃO DE CÃES PARA INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR
ANIMAIS DO CBMSC

Xanxerê

18/03/2024

ANDERSON MIOTTO

CERTIFICAÇÃO DE CÃES PARA INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR
ANIMAIS DO CBMSC

Monografia apresentada ao
Curso de Intervenções
Assistidas por Animais do
Campus de Xanxerê do
Instituto Federal de Santa
Catarina para a obtenção
do diploma de Especialista
em Intervenções Assistidas
por Animais

Orientador: Tiago José
Domingos

Xanxerê

18/03/2024
ANDERSON MIOTTO

CERTIFICAÇÃO DE CÃES PARA INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR
ANIMAIS DO CBMSC

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título em Especialista em Intervenções Assistidas por Animais, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, e aprovado na sua forma final pela comissão avaliadora abaixo indicada.

Xanxerê, 18 de março de 2024.

Prof. Tiago José Domingos, Me.
Orientador
Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina

Prof. Walter Parizotto, Me.
Avaliador
Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina

Prof. Ivani Cristina Voos, Dra.
Avaliadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

“O que fazemos agora ecoa na eternidade.”

(Marco Aurélio, 170-180)

AGRADECIMENTOS

Agradecer, embora não seja uma conduta muito frequente hoje em dia, beneficia não apenas quem o recebe, mas principalmente quem o profere. Traz a consciência de quão somos abençoados pelas pessoas que nos cercam.

Embora sendo clichê, impossível não iniciar agradecendo a Deus. És tão bom comigo e me dá sempre muito mais que peço ou mereço. Obrigado Senhor.

Minha esposa Lediane, esposa incrível a quem devoto todo meu amor e admiração. Mulher forte, autônoma e dedicada, deu-me o maior presente que poderia ter, nosso filho Heitor. Preciso ser, a cada dia, uma pessoa melhor para merecê-los e honrá-los.

À minha cunhada, Danieli, agradeço pelos prestimosos apoios com a casa e família, além da paciência necessária para conviver comigo.

Aos meus pais, Anselmo e Lourdes, pela educação e sabedoria repartidas, que Deus lhes dê saúde e paz em abundância.

Ao meu orientador e bom amigo, Tiago J. Domingos, a quem estimo e admiro muito. Sempre prestativo e educado, consegue inspirar gratidão mesmo nas correções.

Por fim, ao meu melhor amigo e parceiro inseparável, que mudou completamente minha vida e me ensinou a viver melhor cada momento. Lycan, és um anjo de patas, espero conseguir te dar ao menos parte da alegria que me proporciona.

RESUMO

A certificação de cães de intervenções é vital para assegurar a qualidade e eficácia desses animais nos mais diversos ambientes. Ao atender a padrões rigorosos de comportamento, temperamento e treinamento a certificação possibilita que os cães interajam de forma segura e positiva com pacientes e equipes técnicas, garantindo a confiabilidade e consistência essenciais para o sucesso das intervenções. A segurança do paciente é reforçada, uma vez que os cães certificados são mais propensos a lidar com diversas situações de maneira calma e previsível, criando ambientes adequados, tranquilos e seguros. A busca pela certificação estabelece padrões uniformes para todos os cães de intervenções, promovendo uma abordagem consistente em diferentes contextos pedagógicos e terapêuticos, permitindo que esses animais desempenhem seus papéis de maneira confiável. A certificação não apenas garante a aceitação desses cães em instituições pedagógicas e de saúde, mas também fortalece a credibilidade da prática de intervenções assistida por animais. Cães certificados são reconhecidos e bem-vindos em uma variedade de demandas, consolidando sua posição como parceiros confiáveis na promoção da saúde e bem-estar. Além disso, a certificação proporciona uma camada adicional de proteção legal para os condutores dos cães de intervenções, demonstrando a responsabilidade e integridade legal tanto dos cães quanto dos profissionais envolvidos. Em resumo, a certificação desempenha um papel crucial ao garantir que os cães de intervenções possam exercer suas funções com segurança, confiabilidade e eficácia, validando a qualidade desses animais e contribuindo para o reconhecimento contínuo da intervenção assistida por animais como uma prática valiosa na promoção da saúde mental e emocional.

Palavras-Chave: Certificação de cães de intervenções; Terapia assistida por animais; Cães de intervenção assistida.

ABSTRACT

Certification of intervention dogs is vital to ensure the quality and effectiveness of these animals in various environments. By meeting rigorous standards of behavior, temperament, and training, certification enables dogs to interact safely and positively with patients and technical teams, ensuring the reliability and consistency essential for intervention success. Patient safety is reinforced, as certified dogs are more likely to handle diverse situations calmly and predictably, creating suitable, calm, and safe environments. The pursuit of certification establishes uniform standards for all intervention dogs, promoting a consistent approach in different educational and therapeutic contexts, allowing these animals to perform their roles reliably. Certification not only ensures the acceptance of these dogs in educational and healthcare institutions but also strengthens the credibility of animal-assisted intervention practice. Certified dogs are recognized and welcomed in a variety of settings, consolidating their position as reliable partners in promoting health and well-being. Additionally, certification provides an additional layer of legal protection for intervention dog handlers, demonstrating the responsibility and legal integrity of both the dogs and the professionals involved. In summary, certification plays a crucial role in ensuring that intervention dogs can perform their functions safely, reliably, and effectively, validating the quality of these animals and contributing to the ongoing recognition of animal-assisted intervention as a valuable practice in promoting mental and emotional health.

Keywords: Intervention dog certification; Animal-assisted therapy; Assisted intervention dogs.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAA - Atividade Assistida por Animais

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AKC - American Kennel Club

CBMSC - Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina

CGC - Canine Good Citizen Test

EAA - Educação Assistida por Animais

IAA - Intervenções Assistidas por Animais

IBETAA - Instituto Brasileiro de Educação e Terapia Assistida por Animais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

INATAA - Instituto Nacional de Ações e Terapia Assistida por Animais

TAA - Terapia Assistida por Animais

TDI - Terapy Dogs International

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Sobre as Intervenções Assistidas por Animais	10
1.2 Características ideais dos cães selecionados.	11
2 OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo Geral	11
2.2 Objetivo específico	11
3 DESENVOLVIMENTO	12
3.1 Perfil dos cães utilizados em Intervenções Assistidas por Animais	12
3.2 Modelos de certificação estudados	16
3.2.1 Certificação da American Kennel Club	20
3.2.2 Certificação da Pet Partners	22
3.2.3 Certificação da Therapy Dogs International	24
3.2.4 Certificação da Ligabom	26
3.2.5 Diretriz de Procedimento Operacional Padrão do CBMSC	28
3.3 Atuações do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina	28
4 METODOLOGIA	34
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS E PROPOSTA DE CERTIFICAÇÃO DE CÃES DE TERAPIA	34
5.1 Habilidades avaliadas no processo de certificação	35
5.2 Sobre os testes exigidos	37
5.3 Sugestão de ficha de avaliação	45
CONCLUSÃO	46

1 INTRODUÇÃO

1.1 Sobre as Intervenções Assistidas por Animais

Em diversas culturas e sistemas de crença, animais eram reverenciados como seres sagrados, representando fontes de força, proteção e poder. Ao longo do tempo, a proximidade entre humanos e animais cultivou uma relação marcada por confiança, amizade e respeito, trazendo benefícios mútuos, conforme destacado por Santos e Silva (2016).

Kruger & Serpell (2010) definem o termo Intervenções Assistidas por Animais (IAA) como qualquer intervenção que utiliza animais com o objetivo de aprimorar aspectos sociais, cognitivos, físicos ou emocionais. Para Silva (2019), essas intervenções podem ser categorizadas em Terapia Assistida por Animais (TAA), Educação Assistida por Animais (EAA) e Atividade Assistida por Animais (AAA).

A TAA, uma intervenção terapêutica em que animais participam do tratamento sob a supervisão de profissionais de saúde, pode envolver diversas espécies. Já na EAA, animais são utilizados como estratégia pedagógica por profissionais da educação para melhorar o desempenho dos estudantes. As AAA visam melhorar a qualidade de vida dos participantes, sendo atividades recreativas que não exigem supervisão profissional (Squilasse & Junior, 2018).

Entre as espécies mais utilizadas na TAA, os cães se destacam. Durante as intervenções, as atividades são adaptadas conforme as necessidades de cada paciente, iniciando com estímulos simples, como toques e carinhos, para posteriormente abordar dificuldades pessoais específicas (Krug et al., 2019).

Becker & Morton (2003) afirmam que os cães contribuem para a motivação dos pacientes na TAA, desviando o foco de dores e desconfortos. O contato físico bloqueia a transmissão da dor para o sistema nervoso central, tornando a terapia mais agradável (Sousa, 2016). A literatura científica tem destacado consistentemente que a presença de animais de intervenções propicia uma redução da “solidão, depressão, preocupação e irritabilidade e aumento da sensação de calma”, (Brooks et al., 2018 pg. 05, tradução nossa).

1.2 Características ideais dos cães selecionados.

Na TAA, os cães atuam como receptores dos pacientes, indicando o desejo de interação. Para serem considerados aptos, devem ser tranquilos, saudáveis, obedientes, dóceis e confiantes, evitando reações imprevisíveis (Sousa, 2016).

Os cães passam por exames de saúde, cuidados sanitários e treinamentos para atender a padrões específicos (Silva et al., 2019), mas esses efeitos positivos estão inextricavelmente ligados à competência e confiabilidade dos cães envolvidos, tornando crucial o estabelecimento de padrões de treinamento e avaliação.

A certificação desempenha um papel fundamental na proteção da integridade do conceito de intervenções assistidas por animais. A credibilidade e a confiança na eficácia dependem da qualidade do treinamento recebido pelos cães de trabalho. Assegurar que esses animais atendam a critérios rigorosos de comportamento, obediência e interação é essencial para preservar a integridade do campo e evitar possíveis incidentes que possam comprometer a segurança e o bem-estar dos envolvidos.

Ao longo deste trabalho, vamos explorar as diretrizes e padrões estabelecidos por organizações especializadas na certificação de cães de intervenções assistidas e, ao final, propor um modelo de certificação adaptado às necessidades e escopo do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (CBMSC).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Propor um modelo de certificação para cães atuarem como facilitadores nas Intervenções Assistidas por Animais do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina.

2.2 Objetivo específico

- Estudar as características desejadas para cães utilizados em IAAs;
- Analisar modelos de certificações utilizadas em outros países;
- Conhecer a atual realidade das intervenções que envolvem o CBMSC;

- Elaborar um método de certificação que seja adequado às características dos projetos que o Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina atua.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Perfil dos cães utilizados em Intervenções Assistidas por Animais

A seleção de cães para IAAs é um processo cuidadoso que leva em consideração uma variedade de fatores para garantir que os animais sejam capazes de desempenhar suas funções terapêuticas de maneira segura e eficaz.

Os cães, assim como os humanos, possuem uma grande variedade de personalidades e comportamentos. Jones e Gosling (2005) propuseram sete dimensões comportamentais para avaliar a personalidade e o temperamento canino. Essas dimensões fornecem uma estrutura abrangente para compreender diferentes aspectos do comportamento dos cães:

1. **Reactivity (Reatividade):** Refere-se à prontidão do cão em responder a estímulos ambientais. Cães com alta reatividade podem ser mais alertas e responsivos a mudanças no ambiente.
2. **Fearfulness (Medo):** Avalia o grau de apreensão ou ansiedade que um cão expressa em face de estímulos desconhecidos ou situações novas. Cães menos temerosos são geralmente mais corajosos e adaptáveis.
3. **Activity Level (Nível de Atividade):** Indica a energia e a movimentação do cão. Alguns cães têm um nível de atividade mais alto, enquanto outros são mais calmos e menos propensos a atividades vigorosas.
4. **Sociability (Sociabilidade):** Refere-se à disposição do cão para interagir e socializar com outros animais e pessoas. Cães altamente sociáveis tendem a buscar interações sociais de maneira positiva.
5. **Responsiveness to Training (Responsividade ao Treinamento):** Avalia a facilidade com que um cão pode ser treinado e sua receptividade a comandos. Cães altamente responsivos ao treinamento geralmente aprendem novos comportamentos mais facilmente.

6. Submissiveness (Submissão): Reflete a disposição do cão em se submeter a autoridade ou direção. Cães mais submissos podem ser mais receptivos à orientação e menos propensos a desafiar a liderança.
7. Problem Behaviors (Comportamentos Problemáticos): Examina a presença de comportamentos indesejados, como agressão, mastigação destrutiva, ou outros problemas de comportamento. A ausência ou presença desses comportamentos pode influenciar a adequação do cão para determinadas atividades.

Quase todo cão, independentemente da raça, pode ser considerado apto para se tornar um cão de intervenções, desde que seja capaz de completar com sucesso o treinamento prescrito e os testes de temperamento (Soares et al., 2018, p. 114), devendo “ser dócil, dessensibilizado, aceitar mudanças de ambientes, não reagir a certas situações como puxões e barulhos altos, ser saudável”. É também importante verificar a adaptabilidade do animal, conforme explica Sousa (2016), pois um cão medroso pode ter reações repentinas e inesperadas, como fugir ou atacar. Ainda, Elias (2022, p. 15) salienta que “a avaliação desses animais é de extrema importância para garantir a segurança de todos os envolvidos e também indicar se terá rendimento nas atividades a serem executadas”.

Outro ponto importante é a necessidade de que os animais sejam habituados e dessensibilizados ao toque em todas as áreas do corpo. Isso é crucial porque um cão sensível pode experimentar considerável estresse ao ser exposto a novos exercícios ou mesmo atividades comuns durante as intervenções. O processo de dessensibilização pode ser integrado aos cuidados de higiene rotineiros do cão, permitindo que o tutor estabeleça laços de confiança ao tocar o animal durante a manutenção de sua pelagem, corte de unhas, cuidados com as orelhas, entre outros procedimentos (Chelini & Otta, 2016). Nesse sentido:

Essencialmente, um bom cão de terapia não pode se incomodar quando uma criança abraça-o. Não deve ser reativo quando um paciente com Alzheimer tenta agarrar suas orelhas e quando escuta gritos de crianças especiais (...). Um cão que fará companhia para um paciente deve ser desencorajado a pular, morder ou lambe pessoas (Soares et al., 2018, p. 128)

Também é importante que os cães devem ser treinados para evitar comportamentos como pular, morder ou lambe. Isso é relevante devido à condição de saúde dos pacientes, como veias canuladas ou ferimentos, que podem aumentar o risco associado a essas ações. O treinamento prévio, estabelecendo limites e obediência a comandos específicos, como "não lamba", é essencial para garantir a segurança durante as interações. Neste mesmo sentido, é imprescindível que os animais tenham tomado banho, pelo escovado, unhas cortadas e/ou lixadas, dentes escovados e orelhas limpas, tosa higiênica se necessário (Sousa, 2016).

Pulos também são desencorajados, pois podem causar danos sérios, especialmente em crianças, idosos ou adultos fragilizados. O hábito de morder, mesmo em brincadeira, deve ser eliminado desde filhote, limitando as mordidas aos pertencentes e desencorajando o cão a morder mãos, pés e outras partes do corpo de proprietários e visitantes. Além disso, um cão de IAA precisa demonstrar interesse por pessoas, além de ter a capacidade de lidar com situações estressantes, aceitar ruídos elevados, gritos e movimentos súbitos. É essencial que o cão esteja familiarizado com peças e equipamentos comumente utilizados em ambientes hospitalares e clínicas (Soares et al., 2018).

Resumidamente, cães destinados às IAAs devem apresentar comportamentos desejados em conformidade com as sete dimensões propostas por Jones e Gosling (2005). Isso inclui moderada reatividade, baixo nível de medo, nível de atividade moderado, alta sociabilidade, grande responsividade ao treinamento, disposição moderada à submissão e a ausência de comportamentos problemáticos. Esses comportamentos garantem que os cães sejam capazes de proporcionar interações terapêuticas mais seguras e positivas durante as intervenções.

Dos elementos elencados, extrai-se que os animais destinados às intervenções devem possuir algumas qualidades:

1. Calmos e dóceis: Cães de intervenções são geralmente selecionados por sua natureza calma e dócil. Eles devem ser capazes de lidar bem com diferentes situações, ambientes e pessoas desconhecidas sem ficarem ansiosos ou agressivos.

2. Empatia: Têm a capacidade de reconhecer e responder às emoções humanas, proporcionando conforto e apoio quando necessário. Sua presença pode ajudar a reduzir a ansiedade, o estresse e a solidão em pessoas que estão passando por momentos difíceis.

3. Tolerância: Os cães de intervenções são treinados para serem pacientes e tolerantes, especialmente quando estão sendo manuseados ou tocados por várias pessoas, incluindo crianças e idosos.

4. Treinamento adequado: Eles são submetidos a um treinamento específico para lidar com diferentes situações e ambientes, aprender comandos básicos, como "sentar" e "ficar", e desenvolver habilidades para interagir com segurança com os pacientes.

5. Afeição e carinho: Possuem um senso natural de afeição e carinho, apreciando o toque e a interação social, o que os torna ideais para estabelecer vínculos positivos com as pessoas que estão recebendo o tratamento.

6. Adaptação: São geralmente flexíveis e adaptáveis a diferentes ambientes e grupos de pessoas, a vista que podem ser usados em hospitais, asilos, escolas, centros de reabilitação e outros locais.

7. Higiene: Devem ter uma rotina rigorosa de higiene, são banhados regularmente e têm suas unhas aparadas para garantir que estejam limpos e saudáveis.

8. Supervisão e segurança: Estão acompanhados de um responsável ou condutor treinado, que garante a segurança do animal e das pessoas com quem ele interage.

3.2 Modelos de certificação estudados

As intervenções assistidas por animais, embora não sejam novidade, são relativamente desconhecidas no Brasil, mas vem ganhando cada vez mais espaço. As IAAs utilizam animais, principalmente cães, para promover a saúde e o bem-estar de pessoas de todas as idades e condições. Os cães são especialmente treinados para fornecer conforto e suporte emocional a pessoas em diferentes contextos, incluindo hospitais, escolas, lares de idosos e prisões. Eles são usados para ajudar pessoas a lidar com uma variedade de desafios, incluindo estresse, ansiedade, depressão e isolamento social (Baker; Dawson, 1998).

A certificação de cães de intervenções não é apenas uma formalidade, mas uma salvaguarda essencial para garantir que esses animais estejam adequadamente treinados e capacitados para lidar com uma variedade de situações e indivíduos. Fine (2010) afirma que o próximo passo é a criação de um novo conjunto de padrões para avaliar o valor terapêutico e construir a reputação e autoestima de uma modalidade de tratamento reconhecida. Salienta ainda que a Associação Internacional de Organizações de Interação Humano-Animal (IAHAIO) publicou um documento em março de 2013 chamado "Definições da IAHAIO para Atividade Assistida por Animais e Diretrizes para o Bem-Estar dos Animais Envolvidos". Este documento foi elaborado por um grupo de acadêmicos, profissionais da medicina veterinária e praticantes de diversos países, especializados no campo da Interação Humano-Animal. O objetivo do grupo era esclarecer e fazer recomendações sobre os termos e definições relacionados à Atividade Assistida por Animais (AAI) e Atividade Assistida por Animais (AAA), além de estabelecer práticas éticas para garantir o bem-estar dos animais envolvidos. Fine (2010) conclui que, padrões devem estar em vigor para que os profissionais tenham conhecimento funcional dos princípios de IAA, comportamento animal e bem-estar animal, a fim de integrar competentemente e com segurança o escopo dessa prática.

Segundo Burch (1996), a seleção de animais para TAA é crucial e normalmente significa o sucesso ou fracasso, por isso, o cão que irá trabalhar em

um programa de TAA deve ser certificado. Um especialista em comportamento animal com competência para avaliar e treinar cães de intervenções, deverá fazer a seleção e treinamento para que o cão atenda às exigências do trabalho. Essa exigência ganha ainda mais relevância quando consideramos a diversidade de contextos nos quais os cães de intervenções são empregados, desde o auxílio em processos terapêuticos até o suporte a pessoas com deficiência. Além disso, Jordan e Brady (2008) afirmam que a triagem e a certificação são importantes porque dão mais credibilidade para a criação de novos projetos ou o ingresso de novos animais em atividades já existentes.

Os requisitos estabelecidos para a certificação de cães de intervenções desempenham um papel fundamental na preparação desses animais para suas funções terapêuticas e pedagógicas. No entanto, é crucial reconhecer a necessidade de uma adaptação sensível a cada atividade específica que esses cães irão exercer. Chelini e Otta (2016, p. 87) afirmam que o animal que será incluído em um programa de IAA “deve ser exposto a experiências, tipos de pessoas, locais, sons, entre outros fatores, comuns às situações terapêuticas, educativas ou interacionais nas quais ele será inserido no futuro”.

A versatilidade desses animais terapêuticos excede aquelas consideradas normais, o que exige uma certificação que vá além de habilidades básicas, considerando as nuances de diferentes ambientes e populações. A capacidade de se ajustar a contextos variados, como ambientes hospitalares, escolas ou centros de reabilitação, destaca a importância de treinamentos personalizados. Dessa forma, a certificação não apenas valida as habilidades padrão, mas também se molda de maneira flexível para atender às demandas singulares de cada atividade terapêutica, garantindo assim o sucesso e a eficácia dessas intervenções valiosas, pois cada contexto terapêutico apresenta demandas específicas, e a certificação deve refletir essa diversidade para garantir a efetividade do trabalho conjunto entre o cão e o condutor. Cães de terapia destinados a ambientes hospitalares, por exemplo, devem ser certificados levando em conta sua capacidade de interagir com pacientes de diversas idades e condições de saúde. O treinamento precisa enfatizar a empatia, a calma e a adaptação a diferentes situações que podem surgir em um ambiente clínico. Sousa (2016, p. 12) afirma que “o animal deve apresentar tranquilidade perante qualquer situação incomum, como por exemplo: a tosse de um idoso, o barulho da pessoa na cadeira de rodas, o grito de uma criança”. Além disso, sugere

que o animal deve demonstrar interesse pelo afeto e atenção despendidos pelos pacientes, pois um apego excessivo ao tutor pode ser interpretado erroneamente como uma rejeição a eles.

Já em contextos de intervenções assistidas, como em escolas ou centros de reabilitação, a certificação dos cães deve considerar suas habilidades de interação com crianças, adultos ou pessoas com deficiência. Eles precisam ser instruídos com comandos fundamentais, habituados a tolerar toques e sons intensos, além de serem capazes de participar em atividades e brincadeiras que incluam recompensas como petiscos ou outros que agradem ao animal (Silva et al., 2019). O treinamento deve ser adaptado para promover a segurança e o conforto do cão durante essas interações.

Elias (2022, p. 15) propõe a divisão dos perfis dos cães entre submisso, intermediário e dominante:

Os submissos são destinados para realizar terapias com idosos, justamente por serem mais calmos e permitirem atividades como ser acariciados e escovados. Os dominantes são destinados para terapias com crianças, pois são agitados e ótimos para desenvolverem atividades que demandem mais energia, como por exemplo, correr e brincar com bola. Já os intermediários por conseguirem se adaptar com facilidade aos dois tipos de atividades, podem ser utilizados com todos os tipos de pacientes (Elias, 2022, p.15).

Dessa forma, é evidente que a certificação precisa contemplar a capacidade do cão de manter o foco e o controle emocional em ambientes dinâmicos e muitas vezes imprevisíveis. Cada atividade terapêutica pode exigir respostas específicas do cão, seja para proporcionar conforto emocional, auxiliar em exercícios motores ou participar de sessões de terapia ocupacional.

A diversidade de ambientes nos quais os cães de terapia e intervenções assistidas atuam requer uma certificação flexível e adaptável. Isso implica em treinamentos personalizados que considerem não apenas as habilidades do cão, mas também as necessidades e características das pessoas com as quais irão interagir.

Soares et al. (2018), no livro “Terapia Assistida por Animais: Teoria e Prática”, sugere uma série de testes que incluem observar se o cão se comporta educadamente ao ser acariciado e aceita a interação com desconhecidos na presença do tutor. A manipulação física é testada, simulando procedimentos de

tosadores ou veterinários. O comportamento durante o passeio com guia solta, a interação em ambientes lotados, obediência a comandos e a resposta a chamados também são avaliados. Além disso, o cão é testado quanto à interação com outros cães, reação a distrações e sua capacidade de permanecer calmo durante uma separação supervisionada de três minutos. Esses testes visam garantir que o cão seja adequado para o treinamento específico de intervenções.

No Brasil, não há uma regulamentação federal para a certificação de cães de intervenções. No entanto, existem algumas instituições privadas que oferecem programas de certificação para cães e seus proprietários, oferecem cursos e promovem o apoio à TAA. O Instituto Brasileiro de Educação e Terapia Assistida por Animais (IBETAA) oferece um programa de certificação que inclui uma avaliação de saúde, treinamento de comportamento e treinamento de interação social, além de um curso de capacitação para os tutores dos cães.

Há também o Instituto Nacional de Ações e Terapia Assistida por Animais (INATAA), que trabalha com essas intervenções em hospitais, escolas, clínicas, instituições de longa permanência para idosos, empresas, creches e outros locais onde elas podem influenciar na melhoria dos tratamentos e da qualidade de vida dos pacientes/alunos e do corpo técnico.

No nosso continente, as organizações mais conhecidas são a American Kennel Club (AKC), Therapy Dogs International (TDI) e a Pet Partners, todas com sede nos Estados Unidos.

3.2.1 Certificação da American Kennel Club

O Teste de Temperamento do American Kennel Club (AKC), chamado de “Canine Good Citizen Test (CGC)”, é um procedimento objetivo projetado para avaliar o temperamento e comportamento dos cães. Este teste avalia diversas áreas, incluindo a reação do cão a estímulos, sua sociabilidade com pessoas e outros animais, e a resposta a comandos básicos (Elias, 2022).

Segundo o site da instituição, o teste consiste em dez passos, nos quais são observadas a capacidade do cão em lidar com diferentes situações, como interações com estranhos, reações a objetos desconhecidos e a capacidade de se comportar em ambientes sociais. O AKC destaca a importância de realizar o teste em um ambiente neutro para garantir resultados mais precisos. Informam ainda que o objetivo principal do CGC é fornecer uma avaliação confiável e consistente do temperamento do cão, contribuindo para a compreensão de suas características comportamentais.

Importante salientar que, Binfet e Hartwig (2022, pg. 87, tradução nossa) são enfáticos em afirmar que, “sem dúvida, até mesmo as pessoas que desenvolveram o teste Canine Good Citizen concordariam que esse teste não foi elaborado com o propósito de identificar cães terapêuticos”. Afirmam ainda que o teste pode desempenhar um papel na triagem de possíveis equipes de Intervenções Assistidas por Animais, mas por si só, tem aplicabilidade limitada como único indicador para o trabalho.



Canine Good Citizen Test Items

- 1. Accepting a friendly stranger**
Evaluator approaches and pretends to shake hands with handler (hands 6- 12" apart). Evaluator does not touch dog.
- 2. Sitting politely for petting**
Evaluator pets dog; dog must show no shyness or resentment.
- 3. Appearance and grooming**
Evaluator inspects dog, combs or brushes lightly, examines ears and each front foot.
- 4. Out for a walk**
Handler takes dog for a short walk including right turn, left turn, about turn and stop.
- 5. Walking through a crowd**
Dog and handler walk close to several people; dog may show causal interest but not jump up.
- 6. Sit and down on cue/Staying in place**
Handler shows that dog can do both sit and down, then chooses a position, leaves dog and goes to the end of a 20 ft. line, and returns immediately.
- 7. Coming when called**
With dog still on 20 ft. line from Test 6, handler walks out 10 ft. and calls the dog.
- 8. Reaction to another dog**
Two handlers and dogs approach, pretend to shake hands (hands 6-12" apart), exchange pleasantries, then move on.
- 9. Reaction to distractions**
Distractions are presented; dog may not panic or show aggression.
- 10. Supervised separation**
Handler goes out of sight for 3-min. Dog is held on a 6-ft. leash by an evaluator.

Figura 1: Teste de Temperamento do American Kennel Club, disponível em: <https://s3.amazonaws.com/cdn-origin-etr.akc.org/wp-content/uploads/2022/06/06120546/cgc-test-items.pdf>

3.2.2 Certificação da Pet Partners

A Pet Partners possui um checklist de comportamentos esperados dos cães divididos em duas categorias, que em tradução livre seriam: “bom comportamento” e “aptidão”

Expected Behavior Checklist

Please utilize this checklist as a tool to assess your animal’s readiness to become a therapy animal. The behaviors below are assessed as a part of the therapy animal evaluation. Please check ‘yes’ if your animal consistently and reliably performs/accepts the requirement. Check ‘no’ if your animal does not consistently and reliably perform/accept the requirement. This checklist will help you determine whether your animal has the skills and aptitude to enjoy therapy work and if so, which areas you may need to work on more with your animal.

Skill Requirements- Basic "good behavior" skills.			
<i>Animal</i>	<i>Yes</i>	<i>No</i>	<i>Handler</i>
Greet a friendly stranger without fear or uncontrollable enthusiasm			The handler must have good control of, and communication with their animal. The animal should be reliable and under control, well behaved and confident.
Enjoy petting			
Comfortable with light brushing			
Walk on a loose leash, close by your side			
Walk through a crowd, loose leash by your side			
Comfortable with a loud noise			
Sit on command, preferably on 1st command			
Down on command, preferably on 1st command			
Stay on command, preferably on 1st command			
Come when called, preferably on 1st command			
Show no reaction or only mild interest in another dog			
Aptitude Requirements- Temperament or ability/potential for therapy visits.			
<i>Animal</i>	<i>Yes</i>	<i>No</i>	<i>Handler</i>
Comfortable with being lightly examined and touched all over			The handler must demonstrate social skills and aptitude for working with a variety of people in different settings. The handler and their animal must work together as a team showing a level of trust and understanding needed to work well together in unpredictable environments.
Comfortable being clumsily petted			
Comfortable with a restraining hug			
Comfortable around an individual acting in an unusual manner			
Confident when a group of people are talking loudly			
Comfortable with a light bump from behind			
Walk by and leave an object on the floor			
Comfortable being petted and crowded by several people			
Appropriately accept a treat			

Figura 2: Checklist para certificação pela Pet Partners, disponível em <https://www.denverpetpartners.org/wp-content/uploads/2019/10/Expected-Behavior-Checklist.pdf>

Os requisitos de habilidade para animais de intervenções envolvem habilidades básicas de "bom comportamento". O animal deve cumprimentar estranhos amigáveis sem medo ou entusiasmo descontrolado. O condutor deve ter bom controle e comunicação com o animal, que deve ser confiável, bem comportado e confiante. Além disso, o animal deve gostar de carícias, ser confortável com escovação leve, caminhar com trela folgada ao lado do condutor, atravessar multidões sem estresse, lidar com barulhos altos e obedecer a comandos básicos como sentar, deitar, ficar e vir quando chamado, preferencialmente na primeira solicitação. O animal também deve mostrar pouca ou nenhuma reação, ou apenas interesse moderado, em relação a outros cães.

Os requisitos de "aptidão" concentram-se no temperamento ou na habilidade/potencial para visitas terapêuticas. O animal deve estar confortável sendo examinado e tocado em todo o corpo, tolerar carícias desajeitadas, lidar com um abraço restritivo e estar à vontade perto de uma pessoa agindo de maneira incomum. Além disso, o animal deve manter confiança na presença de um grupo que fala alto, ser confortável com um toque leve por trás, passar por um objeto deixado no chão, lidar com carícias e aglomerações por várias pessoas e aceitar um petisco de maneira apropriada. Ambos o condutor e o animal precisam atender a esses requisitos para garantir uma parceria bem-sucedida como animal de intervenções.

3.2.3 Certificação da Therapy Dogs International

A TDI (Therapy Dogs International) oferece um programa de certificação que inclui uma avaliação de saúde, treinamento de comportamento e treinamento de interação social. É um processo rigoroso composto por 13 etapas, projetado para avaliar a confiança e controle do cão em diversas situações terapêuticas. Antes do início do teste, o proprietário deve apresentar certificados de vacinação, incluindo a vacina antirrábica, e realizar um breve teste de temperamento conduzido pelo avaliador.

Na Fase I, o cão deve usar um colar ou arnês não corretivo em uma coleira de 1,80m. O teste inclui simulações de verificação em uma mesa de recepção de hospital, onde os cães são verificados quanto a colares, unhas, ouvidos e pêlos (teste 1). Os condutores completam a verificação e, em seguida, os cães ficam em uma posição deitada enquanto os condutores se afastam por um minuto (teste 2). Durante esse tempo, os cães podem sentar, deitar, ficar em pé ou caminhar na sala.

O teste 3 avalia a capacidade do cão de se movimentar entre pessoas, mostrando tolerância ao toque e abordagem de várias pessoas. Os testes 4 e 5 envolvem situações de grupo com os cães em sentar/ficar e deitar/ficar, respectivamente. O teste 6 avalia a obediência ao comando de retorno em ambiente com distrações.

Na Fase II, os testes incluem reações a situações incomuns, como andar em linha reta com distrações, passar por pessoas em muletas, lidar com alguém correndo e fazendo barulho, e reagir a crianças correndo e brincando. Outros testes abordam a interação com uma pessoa em uma cadeira de rodas, resistência a alimentos deixados no chão e reação ao encontro com outro cão.

A certificação pela TDI visa garantir que os cães e condutores estejam preparados para oferecer conforto terapêutico em uma variedade de ambientes, demonstrando comportamento controlado e adaptável em situações diversas.

- ADDITIONAL RULES FOR TDI TESTING**
1. Dogs must be tested on a plain buckle collar or harness. Training collars, training harnesses, halties, or any other corrective training devices are not permitted during testing or visiting as a TDI-registered Therapy Dog.
 2. Handlers between 13 and 18 years of age must have a parent/ legal guardian present.
 3. Retired racing Greyhounds are not required to sit for TDI Testing.
 4. TDI® will not test or register any dog that has bitten a human being.
 5. TDI® will not test or register dogs which have been trained for basic obedience with a shock collar.
 6. TDI® will not test or register dogs with a poor temperament.
 7. TDI® will not test dogs under 1 year of age.
 8. TDI® will not test dogs without proof of a current rabies vaccination and appropriate state license.
 9. TDI® will not test or register Service Dogs.
 10. TDI® does not require evaluators to test potential dog/handler teams who behave or present themselves in an unruly or un-professional manner.
 11. TDI will not test dogs while in season.
 12. TDI® does not permit the use of treats and/or treat bags during testing.
 13. TDI® will immediately fail any dog which soils during testing.
 14. TDI® will not register potential applicants who have their dogs registered with any type of Therapy Dog-related program, group, or organization other than TDI®.

Note: Potential applicants are not required to take any Therapy Dog classes which are not sanctioned by TDI.

Therapy Dogs International (TDI) Testing Guidelines

The TDI Test is divided into two phases and has 13 individual tests and additional exercises within each test. The temperament evaluation is not included in this number. The TDI Test is designed to simulate a visit with a therapy dog at a facility. This test reflects realistic situations and should be helpful in evaluating the potential therapy dog.

- | | |
|---|---|
| • TDI entry table | Simulating
Facility check-in desk |
| • TDI Evaluator | Volunteer coordinator |
| • Helpers | Hospital personnel |
| • Helper on crutches | Patient on crutches |
| • Helper in a wheelchair | Patient in a wheelchair |
| • Helper with a walker | Patient with a walker |
| • Helper or Evaluator with an object to startle the dog such as dropping a bedpan, etc. | Hospital personnel, other visitors, or patients |
| • Helpers mingling in a crowd | Hospital entrance or exit door |

Phase I
Begins with the testing of all applicants in a group, excluding the part where the dog will be handled by another person out of sight of the handler.

Phase II
Dogs will be tested individually.

FOR MORE INFORMATION CONTACT:

Therapy Dogs International (TDI)

88 Bartley Road
Flanders, NJ 07836
Tel: (973) 252-9800
Fax: (973) 252-7171
e-mail: therapydogsinternational@gmail.com
www.tdi-dog.org

THERAPY DOGS INTERNATIONAL (TDI®) TESTING REQUIREMENTS



Therapy Dogs International (TDI®) is an organization dedicated to the regulation, testing, selection, and registration of qualified dogs and handlers for the purpose of visitations to hospitals, nursing homes, and facilities or any place where Therapy Dogs are needed.



DEMONSTRATING CONFIDENCE AND CONTROL. THE DOG MUST COMPLETE THESE 13 STEPS OF THE TDI TEST.

Note: At check-in, before beginning Test 1, the owner must present a current rabies certificate and any other state or locally required inoculation certificates and licenses. Prior to being admitted to the evaluation, a brief temperament test will be performed on the dog by the evaluator.

Phase I

The dog must wear either a flat buckle or snap-in collar (non corrective) or a harness (non-corrective), all testing must be on a 6ft leash.*

TEST 1: TDI ENTRY TABLE (Simulated as a Hospital Reception Desk)

The dog/handler teams are lined up to be checked in (simulating a visit). The evaluator ("volunteer coordinator") will go down the line of registrants and greet each new arrival including each dog. At the same time the collars will be checked, as well as nails, ears and grooming and lifting of all 4 paws and tail, which must be lifted if applicable. If the dog has a short cropped tail it should be touched.

TEST 2: CHECK-IN AND OUT OF SIGHT (time: One Minute)

The handler will be asked to check in. After the check-in has been completed the handler will be escorted by a helper to where the handler is supposed to sit. All dogs will be placed in a down position on the handler's left side keeping teams at least 8 feet apart. Now the handler will start completing the paperwork. Once all teams have been placed, the helper(s) will ask the handler(s) if they can hold their dogs. Now the handler(s) will leave for "one minute". The handler(s) can give the "stay" command verbally or by hand signal or both. The helper(s) can talk to and pet the dog(s). The dog(s) can sit, lie down, stand or walk around within the confines of the leash.

TEST 3: GETTING AROUND PEOPLE

As the dog/handler team walks toward the patients' rooms, there will be various people standing around. Some of the people will try visiting with the dog. The dog/handler team must demonstrate that the dog can withstand the approach and touching by several people from all sides at the same time and is willing to visit and walk around a group of people.

TEST 4: GROUP SIT/STAY

The evaluator will ask all the participants to line up with their dogs in a heel position (w/dog on left or right), with 8 ft. between each team. Now the handlers will put their dogs in a sit/stay position. The handlers will give the sit command to the dogs. The evaluator will tell the handlers to leave their

*If the dog is on a longer leash, a knot must be made in the leash to mark 6 ft. The handler must drop the extra leash.

dogs. The handlers will step out to the end of their 6 ft. leash, turn around and face the dog(s) and wait for the evaluator's command to return to their dog(s). (The evaluator will give the return command immediately).

TEST 5: GROUP DOWN/STAY

Same as test number 4, except dogs will now be in a down/stay.

TEST 6: RECALL ON A 20 FT. LEASH

All handlers will be seated. Three dogs at a time will be fitted with a long line. The reason we fit more than one dog with a long line at the same time is to save time. The handler will continue to hold the 6 ft leash while the long line is fitted by a helper. To avoid any kind of incident, the evaluator will make sure that the handler is holding the 6 ft leash until the dog has been placed and is ready to be tested for the recall. One handler at a time will take the dog to a designated area which is out of reach of the other dogs even with a 20 ft. line. The evaluator will then give the command: Down your dog!. The handler can down the dog either by voice and/or by hand signal. The evaluator will give the command: Leave your dog!. The handler will tell the dog to stay either by voice and/or by hand signal. The handler now will turn away from the dog and walk in a straight line to the end of the 20 ft. lead. The handler will turn and face the dog. The evaluator immediately will tell the handler to call the dog. The handler will call the dog, either by voice, hand signal or both.

TEST 7: VISITING WITH A PATIENT

The dog should show willingness to visit a person and demonstrate that it can be made readily accessible for petting (i.e. small dogs will be placed on a person's lap or held; medium dogs will sit on a chair or stand close to the patient to be easily reached, and larger dogs will be standing).

Phase II

TEST 8: TESTING OF REACTIONS TO UNUSUAL SITUATIONS

The dog/handler team will be walking in a straight line. The dog can be on either side, or slightly behind the handler; the leash must not be tight. The evaluator will ask the handler to have the dog sit (the handler may say sit or use a hand signal or both). Next the evaluator will ask the handler to down the dog (the handler may say down or use a hand signal or both). Next continuing walking in a straight line, the handler will be asked to make a right, left and an about turn at the evaluator's discretion.

The following distractions will be added to the heel on a loose leash.

- a. The team will be passing a person on crutches.
- b. Someone running by calling "excuse me, excuse me" waving hands (this person is running up from behind the dog. It could also be a person on a bicycle, roller blades, or

- a. a skateboard etc).
- c. Another person will be walking by and drop something making a loud startling noise (a tin can filled with pebbles or a clipboard). At an indoor test there may be a running vacuum cleaner (realistic in a facility).
- d. Next the team will be requested to make an about turn.
- e. And then a left turn.
- f. Then the team should be requested to make a right turn, going back parallel toward the starting point in a straight line.

TEST 9: LEAVE-IT; PART ONE

The dog handler/team meets a person in a wheelchair. The dog should approach the person and visit. The person in the wheelchair, after briefly interacting with the dog, will offer the dog a treat by holding the treat steady in the hand while enticing the dog. The handler must instruct the dog to leave it. It is up to the handler as to what kind of verbal command they use to keep the dog from licking or taking the food. The handler should explain to the patient why the dog cannot eat a treat while visiting (i.e. dog has food allergies).

TEST 10: LEAVE-IT; PART TWO

The dog handler will be walking in a straight line with the dog at heel. There will be a piece of food in the path of the dog. The dog is not allowed to lick or eat the food. There should also be a bowl of water in the path of the dog. The dog is not allowed to drink.

TEST 11: MEETING ANOTHER DOG

A volunteer with a demo dog will walk past the dog handler/team, turn around and ask the handler a question. After a brief conversation, the two handlers part.

TEST 12: ENTERING THROUGH A DOOR TO VISIT AT THE FACILITY

A person should be able to go through the entrance ahead of the dog/handler team. The dog handler team is ready to enter through a door to a facility. The handler first has to put the dog in a sit, stand, or down stay, whatever is most comfortable for the dog.

TEST 13: REACTION TO CHILDREN

The children will be running and yelling, playing ball, dropping objects, and doing what children usually do while playing.

1. The handler will walk with the dog past playing children (distance from the children must be at least 20 feet).
2. a. The dog must lie down beside the handler.
b. The handler will simulate reading a book while the dog is lying down.
c. The dog MUST have his back to the children.

Testing requirements are subject to change without notice.

Please see additional rules for TDI Testing on back cover.

3.2.4 Certificação da Ligabom

Conforme informações do site oficial da entidade, “foi fundado em 10 de dezembro de 2003, em São Luiz do Maranhão, o Conselho Nacional dos Corpos de Bombeiros Militares do Brasil – LIGABOM – é um Órgão Colegiado composto pelas Corporações de todo País”. Embora não certifique cães de intervenções, são as provas atualmente realizadas para certificação dos cães de busca do CBMSC.

Na “Regulamentação do Emprego dos Cães de Salvamento nas Atividades dos Corpos de Bombeiros Militares”, publicada em 2019, possuem um sistema de avaliação por pontos, onde os avaliados começam com uma pontuação inicial e têm pontos subtraídos à medida que são penalizados durante a avaliação. Os critérios incluem comandos e controle, localização de vítimas, tolerância a estímulos, busca em estruturas, trabalho em equipe, recuperação de objetos, coordenação com o condutor, entre outros. Cada falta é penalizada, proporcionando uma visão detalhada das habilidades do cão

No processo de análise de pontos, a aprovação na prova requer que o cão alcance pelo menos 50% dos pontos em habilidades de obediência básica e 70% nas provas de faro e conhecimentos fundamentais. Em relação à certificação, um cão é considerado apto ao atingir a pontuação mínima em todas as provas. Essa certificação é realizada por disciplina, abrangendo não apenas as provas específicas, mas também avaliando a aptidão do candidato nas provas de habilidades de obediência básica e conhecimentos específicos.

Além disso, preceitua que o avaliador deve observar o temperamento do cão desde o início e durante toda a avaliação. Qualquer comportamento inadequado deve resultar na desqualificação do cão. A verificação de temperamento inclui a segurança e compostura do cão com estranhos, sua reação a distúrbios inesperados, adaptação a situações desafiadoras como trabalho prolongado, condições climáticas extremas e a presença de estímulos desagradáveis. Comportamentos adicionais de temperamento inadequado, como nervosismo agressivo ou hipersensibilidade, também devem ser considerados.

O supracitado regulamento prevê, inclusive, o exercício de transportar o cão, que envolve levantá-lo do chão ou de um ponto elevado com a ajuda de um assistente. O cão é carregado por 10 passos pelo condutor e depois por mais 10

passos por outra pessoa antes de ser colocado no chão. Ele deve permanecer lá até ser chamado pelo condutor. Durante o processo, o cão não deve demonstrar agressividade e deve poder mover sua cauda livremente.

3.2.5 Diretriz de Procedimento Operacional Padrão do CBMSC

Atualmente em vigor, a Diretriz de Procedimento Operacional Padrão Número 10 - DtzPOP Nr 10-ComdoG deslinda os objetivos dos serviços de busca, resgate e salvamento com cães realizados pelas Organizações de Bombeiro Militar em Santa Catarina e visa orientar acerca do treinamento, certificação e emprego de cães no Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Santa Catarina.

Especificamente quanto ao emprego de cães nas IAA, os cinotécnicos e cães do CBMSC em programas de Terapia Assistida por Animais (TAA) devem seguir diretrizes fundamentais para garantir a eficácia e o respeito durante suas intervenções. Um desses princípios é a empatia, onde os condutores devem focar no bem-estar e recuperação dos pacientes, evitando qualquer ênfase em si mesmos, nos cães ou na promoção da instituição. A continuidade também é crucial, pois os programas devem ser estruturados de forma a garantir uma execução contínua, permitindo tratamentos prolongados e recuperação efetiva dos pacientes.

O respeito à saúde e imagem do paciente é outro aspecto vital, colocando o paciente como o centro das sessões e garantindo respeito à sua condição física e privacidade. A presença de profissionais de saúde ou educação é imprescindível durante as sessões, exceto em Atividades Assistidas por Animais (AAA). Além disso, é importante considerar a frequência adequada das sessões, atender às condições sanitárias e aos protocolos de controle de infecções hospitalares. Em situações especiais, os condutores devem seguir as orientações dos profissionais da unidade atendida pelo programa, respeitando as capacidades do cão e garantindo a segurança durante as atividades.

3.3 Atuações do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina

Inúmeras instituições, dentre as quais se incluem organizações como os bombeiros militares, têm cada vez mais reconhecido o valor que os animais oferecem em diversos ambientes de saúde. Dentro do contexto hospitalar, cães especialmente treinados emergem como agentes valiosos capazes de realizar visitas a pacientes, proporcionando não apenas conforto emocional, mas também alívio do estresse e estímulo positivo durante os processos de recuperação.

O Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina possui vários projetos em parceria com instituições públicas e privadas do estado. Essas IAA podem se desdobrar em diferentes locais, como escolas tradicionais, centros especializados e dentro de ambientes hospitalares, abrangendo desde unidades de internação, salas de espera, áreas especificamente designadas para esse propósito e até mesmo UTIs.

De Bona e Parizotto (2024) afirma que, desde 2004, o Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (CBMSC) tem desempenhado um papel significativo nas Intervenções Assistidas por Animais (IAA) em parceria com diversas instituições. A atuação inclui projetos em cidades como Xanxerê, Xaxim, Maravilha, São Miguel do Oeste, Itajaí, Seara, Itá, Florianópolis, entre outras.

Em 2015, uma parceria com o hospital regional de Xanxerê trouxe intervenções assistidas por cães em áreas como cardiologia, clínica médica e pediatria. Em 2016, o CBMSC estendeu a colaboração para o hospital e maternidade de Itajaí, promovendo atividades simples, como acariciar, escovar e passear com cães, visando melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

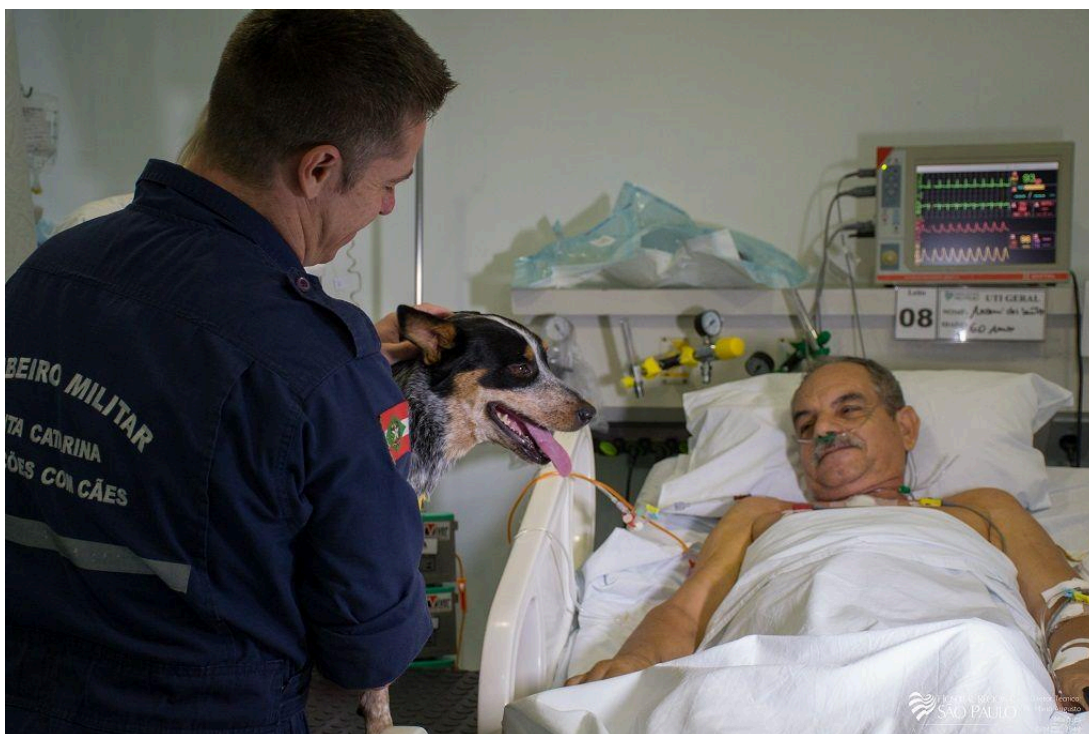


Figura 4: Plantão 4 Patas, realizado em parceria com o Hospital Regional São Paulo.

Em 2018, o Projeto Cão Letrado foi iniciado em Xanxerê, focando na interação de cães com alunos com dificuldades de aprendizagem para melhorar a leitura. Projetos de leitura com animais envolvem a presença de animais treinados em bibliotecas, escolas ou outros ambientes educacionais. Crianças muitas vezes leem para os animais, proporcionando uma experiência que promove a confiança na leitura e a interação social. O supracitado projeto foi realizado no município de Xanxerê (SC), a partir de oficinas de leitura no espaço escolar, durante cerca de dois anos. Conforme Parizotto e Pereira (2022, pg. 55), as atividades “proporcionaram aos alunos uma melhoria significativa nos processos de ensino e aprendizagem e na interação social, expressão de sentimentos e empatia com os demais”.



Figura 5: Projeto cão letrado, em Xanxerê.

Em 2019, o Iº Congresso Brasileiro de Intervenções Assistidas por Cães ocorreu em Xanxerê, promovido pelo Hospital Regional São Paulo e CBMSC.

A parceria com o Centro Especializado Teabraço em Xaxim, a partir de 2022, envolve terapia assistida com animais para crianças com transtornos sociais e cognitivos, com a utilização de um cão exclusivamente treinado para intervenções assistidas.



Figura 6: Projeto de Intervenções Assistidas em Xaxim, onde são realizadas atividades variadas de interação social e fisioterapêutica.



Figura 7: Projeto de Terapia Assistida realizada no Centro Especializado Teabraço, em Xaxim.

Em 2022, também ocorreu a primeira edição do curso de pós-graduação em Intervenções Assistidas por Animais, em parceria com o Instituto Federal de Santa Catarina.

Em 2023, o projeto "Patás que Curam" foi lançado em Araranguá, visando melhorar o estado emocional de pacientes no Hospital Regional de Araranguá Affonso Ghizzo. Além disso, uma parceria com a Associação de Pais e Amigos dos Autistas (AMA) de Navegantes foi estabelecida para Terapia Assistida com Cães, focando em beneficiar pacientes com autismo.

Esses projetos destacam-se como exemplos eloquentes da importância dessas atividades, proporcionando benefícios tangíveis não apenas para os pacientes, mas também para os profissionais de saúde, ao criar um ambiente mais acolhedor, propício ao processo de cura e/ou melhoria da qualidade de vida. Essas intervenções, muitas vezes, transcendem os limites físicos dos espaços hospitalares tradicionais, impactando positivamente a experiência global do paciente e dos profissionais da saúde no processo de cuidado médico.

A adequação da certificação é crucial não apenas para o sucesso das atividades, mas também para garantir o bem-estar do animal. Cães certificados para essas funções desempenham papéis importantes na promoção da saúde mental, emocional e física das pessoas, e uma certificação ajustada às diferentes demandas contribui significativamente para o alcance desses objetivos.

4 METODOLOGIA

Essa pesquisa foi realizada de forma qualitativa, descritiva, bibliográfica, documental e por levantamento de informações, e dividida em 4 etapas.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em plataformas de buscas nacionais e internacionais, nos últimos vinte e cinco anos, com as palavras chave “certificação de cães; certified therapy dogs; dog assisted interventions” para evidenciar a importância do emprego de um modelo de prova de certificação eficaz para cães de intervenções, bem como elencar os requisitos mínimos que as principais entidades utilizam para reconhecer um cão apto para as atividades, englobando os atributos natos, bem aqueles adestrados, pretendidos no animal. Também foram realizados contatos telefônicos e via correio eletrônico com duas organizações nacionais, o Instituto Brasileiro de Educação e Terapia Assistida por Animais (IBETAA) e o Instituto Nacional de Ações e Terapia Assistida por Animais – INATAA.

Na sequência, foi analisado o cenário pregresso e atual das intervenções realizadas pelo Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, através de levantamento junto à corporação dos projetos realizados nos últimos vinte anos.

A partir do levantamento feito, os dados foram analisados e compiladas as principais características pretendidas pelas instituições estudadas que certificam cães de intervenções, bem como o panorama de atividades realizadas pelo Corpo de Bombeiros no nosso estado. Por fim, é proposto um modelo de certificação que se encaixa nos projetos pregressos e atuais.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS E PROPOSTA DE CERTIFICAÇÃO DE CÃES DE TERAPIA

O IBETAA não atendeu às ligações nem retornou os contatos realizados. Já o INATAA, informou que utilizam o modelo de certificação do American Kennel Club, chamado “Canine Good Citizen Test Items”, composta por dez itens e não é especificamente projetado para cães de intervenções, mas sim para avaliar habilidades sociais de convívio. Aberto a qualquer cão, o teste possui modelos adaptados em diferentes países de acordo com suas culturas e necessidades.

Porém, devido à falta de avaliação específica da interação do cão com pessoas, sua utilidade para IAAs é limitada. Alguns projetos o utilizam como teste geral, complementando com avaliações específicas do perfil e interação do cão com pessoas.

5.1 Habilidades avaliadas no processo de certificação

Conforme analisado, as atividades realizadas pelos cães da Corporação são variadas, assim é imprescindível que a certificação de um cão de intervenções deve avaliar suas habilidades e comportamentos para garantir que ele seja adequado e seguro para interagir com pessoas em ambientes terapêuticos. Dos programas de certificação estudados, foram selecionados nove pontos que são recorrentes e considero centrais:

a) Avaliação veterinária

Garante condições mínimas sanitárias para o ingresso e permanência dos animais em ambientes controlados, como hospitais e clínicas.

- Documentação de boa saúde através de um exame veterinário recente.
- Certificação de que as vacinas estão em dia.
- Ausência de parasitas.

b) Avaliação de temperamento

Visa verificar se o temperamento, o comportamento e a personalidade do cão são adequados para interações positivas e seguras com diferentes indivíduos em ambientes variados.

- Tolerância a toques em diferentes partes do corpo.
- Reação positiva a ruídos inesperados.
- Resposta calma a situações inusitadas.

c) Comportamento Social

Esses animais frequentemente interagem com uma variedade de pessoas em ambientes diversos.

- Interação amigável com outras pessoas e cães.

- Comportamento adequado ao ser acariciado ou abraçado.
- Reação positiva a diferentes idades e grupos étnicos.
- Capacidade de permanecer calmo em ambientes lotados.

d) Adaptação ambiental:

Verifica se o cão é capaz de se ajustar a diferentes configurações, incluindo diferentes níveis de iluminação, ruídos, odores e layouts físicos.

- Habilidade de entrar em salas ou quartos de forma tranquila.
- Aceitação de pessoas com problemas ou dispositivos de mobilidade.

e) Comandos Básicos:

São fundamentais para o controle do cão em diferentes situações, bem como ajuda a garantir que o cão possa responder prontamente a instruções para prevenir comportamentos indesejados.

- Compreensão e execução de comandos como "senta", "deita", "fica" e "venha".
- Resposta a comandos tanto verbalmente quanto por gestos.

f) Reação a Estímulos

Verifica como o cão reage a estímulos inesperados e objetos de maneira tranquila, sem demonstrar medo, agressividade ou ansiedade.

- Aceitação de objetos incomuns, como bengalas, muletas ou cadeiras de rodas.
- Tolerância a sons altos e inesperados.

g) Habilidades de resposta emocional:

Capacidade do animal oferecer apoio emocional e promover interações positivas com as pessoas atendidas. Isso inclui a aptidão do cão de estabelecer conexões, criar vínculos e proporcionar conforto durante as sessões terapêuticas.

- Oferecer a pata para ser apertada gentilmente.
- Permanecer calmo durante a leitura ou atividades terapêuticas.
- Demonstrar empatia, gentileza e cuidado, reagindo positivamente a emoções humanas.

h) Situações Desafiadoras:

Enfrentar efetivamente com eventos inesperados, estímulos intensos ou situações que possam representar desafios durante as visitas terapêuticas, permanecendo calmo, controlado e seguro, minimizando o risco de incidentes.

- Lidar com situações desafiadoras, como encontros com crianças mais enérgicas ou pessoas com movimentos bruscos.
- Reagir positivamente a uma variedade de situações de estresse simuladas, como apertos mais fortes e bruscos.

i) Controle do Condutor:

O condutor precisa ser capaz de ler e interpretar o comportamento do cão, identificando sinais de estresse, desconforto ou excitação, além de ser capaz de coordenar os movimentos do animal de maneira eficaz.

- Demonstrar controle adequado por parte do condutor em situações diversas.
- Responder prontamente aos comandos do condutor.

Foi optado por não incluir avaliações relacionadas ao convívio com outros cães, visto que nos atuais projetos do CBMSC, é utilizado apenas um cão por atividade. Ainda, notei que nos projetos realizados em hospitais, o uso de mesas móveis facilita bastante o acesso dos pacientes ao cão e restringe sua movimentação, tornando mais segura e previsível a atividade, principalmente em áreas mais restritas, como Unidades de Terapia Intensiva.

5.2 Sobre os testes exigidos

Antes do início dos testes, o condutor deve apresentar a carteira de vacinação do cão, com antirrábica, polivalente e vermífugo válidas, bem como a limpeza do animal. A avaliação veterinária e a limpeza regular dos cães de intervenções são práticas fundamentais para assegurar o bem-estar desses animais e garantir ambientes terapêuticos mais seguros. A interação frequente dos cães de intervenções com diferentes pessoas e ambientes aumenta o risco de exposição a doenças. A limpeza regular não apenas preserva a higiene do animal, mas também

minimiza o potencial de propagação de germes, especialmente ao lidar com pacientes vulneráveis em ambientes de cuidados de saúde.

O processo de certificação será composto de 20 testes, onde serão analisados os comportamentos e respostas adequados em diferentes cenários que um cão de intervenção poderá vivenciar. Caso o animal apresente alguma conduta negativa, como rosnado ou outros comportamentos agressivos, ou não realize a avaliação em três tentativas, é automaticamente reprovado, podendo tentar nova certificação em data futura. Também foi optado por um modelo de certificação de cães de intervenções com notas máximas e mínimas, com discricionariedade para o avaliador analisar o desempenho do cão em cada teste individualmente. Foram divididos em: a) “Insuficientes” (01 ponto) são as condutas em que o animal, embora complete o teste, o faz demonstrando medo excessivo, falta de controle do dono, dificuldade em lidar com estímulos externos, desinteresse nas interações ou falta de empatia; b) “Regular” (03 pontos) são as que demonstram que o cão, embora não possua pleno domínio ou familiaridade com as situações apresentadas, as desempenha efetivamente, enquanto mantêm um comportamento estável, seguro e positivo; c) No conceito “Bom” (05 pontos), o cão demonstra familiaridade com as circunstâncias, realizando as provas de forma calma e exitosa, com interações positivas, tranquilas e fluídas. O somatório máximo é de 100 pontos. Considera-se aprovado o cão que obtiver no mínimo 70 pontos.

Considero tal modelo importante para proporcionar uma avaliação detalhada e abrangente das habilidades e comportamentos dos cães. Essa abordagem permite identificar pontos fortes e fracos, oferecer feedback construtivo, promover a transparência na avaliação, incentivar a busca pela excelência, estabelecer padrões consistentes e reconhecer o trabalho excepcional, a vista de que não nivela apenas como aptos e inaptos, mas trás graus de excelência para o trabalho. O sistema de notas oferece uma avaliação mais rica e específica do desempenho do cão, permitindo uma compreensão mais profunda de suas habilidades e áreas que podem exigir atenção adicional. Ao incorporar um sistema de notas, a certificação se torna um instrumento valioso para aprimorar continuamente o treinamento e o desempenho dos cães de intervenções assistidas por animais.

Abaixo foram listados os itens avaliados, em negrito, e algumas ponderações consideradas relevantes:

1. Aceitar ser carregado por um estranho

O exercício de transportar o cão é uma parte importante do treinamento para cães de intervenções. Envolve levantar o cão do chão ou de um ponto elevado, como uma mesa, com a ajuda de um assistente. O condutor carrega o cão por 10 passos e então passa o cão para outra pessoa, que o carrega por mais 10 passos antes de colocá-lo no chão. Durante todo o processo, o cão deve permanecer calmo e cooperativo, sem demonstrar agressividade em relação ao condutor ou ao assistente. Além disso, é importante que o cão possa mover sua cauda livremente enquanto está sendo transportado. Este exercício ajuda a garantir que o cão possa ser movido com segurança e tranquilidade em diferentes situações, além de ser uma boa forma de perceber se ele possui comportamentos agressivos.

2. Cumprimentar pessoas novas sem medo ou entusiasmo incontrolável e aceitar carícias.

O cão deve se aproximar de pessoas novas de maneira calma e tranquila, sem sinais de medo evidentes ou de forma afoita e ansiosa, isso demonstra uma boa socialização e temperamento equilibrado. Deve aceitar carícias de forma tranquila, promovendo uma experiência positiva para aqueles que interagem com o cão durante sessões de intervenções.

3. Confortável com ser examinado e tocado levemente por todo o corpo

O cão de intervenção deve aceitar e tolerar toques, carícias e manipulações em diversas partes do seu corpo. Isso significa que não demonstra desconforto ou ansiedade quando é examinado, tocado ou acariciado em áreas como a cabeça, pescoço, patas, barriga e cauda. Essa habilidade permite que profissionais de saúde ou terapeutas realizem verificações físicas ou procedimentos terapêuticos que envolvam toques em diferentes partes do corpo do cão.

4. Confortável ao ser acariciado e abraçado de maneira desajeitada

Capacidade de um cão de intervenções de lidar tranquilamente e de maneira positiva com carícias ou toques que podem ser realizados de forma menos coordenada, gentil ou hábil por parte das pessoas, sem demonstrar ansiedade,

medo ou desconforto. Isso implica que o cão mantenha uma postura calma e aceite o contato físico, mesmo quando ele não é realizado da maneira mais suave ou cuidadosa. É uma habilidade crucial, pois as interações durante as sessões podem envolver pessoas de diferentes idades e habilidades motoras. Alguns indivíduos podem ter dificuldades em acariciar e abraçar o cão de maneira delicada, e o cão, ao permanecer confortável nessas situações, demonstra uma natureza tolerante e adaptável.

5. Confortável com escovação leve ou desajeitada

Refere-se à habilidade do cão de tolerar e aceitar a escovação de forma suave ou menos coordenada, sem demonstrar incômodo, inquietação ou reações negativas. O cão deve manter uma postura tranquila e relaxada durante o processo de escovação, independentemente da destreza ou técnica utilizada. Crianças, idosos e pessoas com habilidades motoras variadas podem participar nas atividades de escovação como uma forma de interação positiva com o cão.

6. Confortável com um leve empurrão por trás

O animal deve tolerar contato inesperado sem reações abruptas. Participantes em sessões terapêuticas podem ter uma variedade de habilidades motoras e psicossensoriais. Um leve empurrão por trás pode ser uma forma de guiar ou direcionar, permitindo interações mais inclusivas, além de que um cão que permanece confortável com empurrões leves é menos propenso a se assustar ou reagir negativamente a estímulos físicos.

7. Confortável ao ser acariciado e cercado por várias pessoas

Ambientes de atuação dos cães de intervenções podem envolver grupos de pessoas, especialmente em instituições de saúde, escolas ou centros comunitários. A tolerância do cão a ser acariciado e cercado facilita a inclusão de múltiplos participantes nas atividades terapêuticas e permite que o cão atenda às necessidades de um grupo maior de indivíduos.

8. Confortável com um barulho alto de objetos e pessoas

O animal deve permanecer calmo em situações barulhentas, sem demonstrar estresse e ansiedade, mantendo-se focado em seu papel de apoio. Algumas pessoas que participam de sessões de intervenções podem ter condições que envolvem a produção de barulhos altos. Crianças com deficiência, por exemplo, podem beneficiar-se de interações com cães que não são perturbados por sons intensos. Além disso, cães de intervenções frequentemente participam de eventos públicos e sociais nos quais podem encontrar uma variedade de sons altos, como música, aplausos ou vozes.

9. Confortável ao redor de alguém agindo de maneira incomum

Pessoas que participam das intervenções podem ter uma variedade de comportamentos e expressões que podem ser considerados incomuns, como parte do quadro clínico. Cães de intervenções que devem permanecer confortáveis em tais situações, sem demonstrar medo, inquietação ou entusiasmo demais.

10. Caminhar, com o condutor, sem manter tensionada a guia

A habilidade de caminhar sem tensionar a guia reflete o treinamento profissional do cão e do condutor. Demonstra a capacidade do cão de trabalhar de maneira controlada, calma e sugere que ele está relaxado, o que é fundamental em ambientes terapêuticos. Ademais, muitas pessoas, incluindo aquelas com mobilidade reduzida, podem interagir com mais facilidade com um cão que caminha calmamente sem tensionar a guia.

11. Andar através de uma multidão, sem tensionar a guia

Trata-se da evolução natural do item anterior. Além disso, evita situações de estresse, reduzindo o risco de tropeços ou puxões bruscos que possam ocorrer em ambientes lotados. O cão deve mover-se suavemente, seguindo o ritmo do condutor, sem demonstrar excessivo interesse em pessoas ou objetos no trajeto.

12. Sentar-se e deitar-se, sob comando

Comandos como sentar e deitar fornece ao condutor e aos terapeutas maior controle sobre o comportamento do cão durante as sessões e ajudam a prevenir comportamentos indesejados durante as sessões terapêuticas. Por exemplo, sentar e deitar podem ser comportamentos alternativos e tranquilos em comparação com

pulos ou excesso de excitação. Também transmite uma imagem profissional. Isso é especialmente relevante quando o cão está trabalhando em ambientes onde o comportamento disciplinado é essencial, como hospitais ou escolas.

13. Ficar, sob comando

A capacidade do cão de permanecer parado facilita o manuseio e a manipulação durante as interações terapêuticas. Isso é especialmente importante em ambientes onde o espaço pode ser limitado, além de que o cão pode se concentrar melhor nas interações terapêuticas, mantendo a atenção nos participantes em vez de se distrair com o ambiente ao redor. Também é útil para facilitar atividades terapêuticas que requerem que o cão permaneça em uma posição específica por um período mais longo, como leituras assistidas por animais.

14. Vir quando chamado, mesmo quando há petisco e objetos próximos

A capacidade do cão de responder prontamente ao comando, mesmo em situações tentadoras, reflete um alto nível de treinamento e profissionalismo, o que contribui para a imagem positiva do cão de intervenções e do condutor. Em ambientes com reunião de público podem haver diversos estímulos, incluindo petiscos e objetos interessantes. O cão deve ser capaz de responder rapidamente quando chamado, refletido em um controle comportamental eficaz por parte dele.

15. Aceitar adequadamente um petisco

Significa que o cão compreende e segue as instruções para receber o petisco de maneira calma e controlada, sem excessos que possam causar temor ou mesmo ferir involuntariamente. Eles precisam ser treinados para interagir de maneira positiva e controlada com as pessoas que estão participando das intervenções.

16. Permanecer tranquilo quando em deslocamento na mesa móvel

Refere-se à capacidade do cão de manter a calma e comportamento tranquilo enquanto está sendo movimentado ou transportado em uma mesa móvel. Isso é particularmente relevante em contextos terapêuticos em que cães são utilizados para interações com pacientes em ambientes hospitalares. Um cão de intervenção deve permanecer tranquilo durante o deslocamento na mesa móvel,

capaz de lidar com a situação sem ficar ansioso, agitado ou reativo. Isso é importante para garantir a segurança do cão, do terapeuta e das pessoas ao redor, além de manter um ambiente terapêutico sereno e controlado.

17. Permanecer calmo na breve ausência do Condutor

O condutor deixa a guia com o paciente ou terapeuta e sai da linha de visão do cão. Este deve permanecer calmo, sem demonstrar aflição, ansiedade, puxar a guia ou latir. Manter a calma na ausência do condutor é uma demonstração de que o cão compreende e respeita as regras e limites estabelecidos pelo treinamento, garantindo um comportamento adequado mesmo quando o condutor não está presente.

18. Permanecer calmo frente a pessoas com restrição de movimento

Pacientes com restrição de movimento podem ter equipamentos médicos, cadeiras de rodas, muletas ou outros dispositivos. O cão deve manter-se calmo e controlado, evitando situações potencialmente perigosas, como interferência com dispositivos médicos ou movimentos bruscos que possam assustar o paciente. Além disso, pessoas com restrições de movimento muitas vezes podem sentir desconforto físico ou emocional. Um cão de intervenções plácido proporciona uma presença reconfortante e não adiciona estresse à situação.

19. Não demonstrar interesse excessivo em ataduras e curativos


Ataduras e curativos são frequentemente usados por pessoas que podem estar se recuperando de cirurgias, ferimentos ou condições médicas. O interesse excessivo do cão poderia resultar em toques acidentais, puxões ou perturbação dos curativos, o que é potencialmente perigoso e desconfortável para o paciente. O cão deve mostrar-se controlado, sem cheirar excessivamente ou lambe os locais.

20. Permanece calmo enquanto o condutor lê, por cinco minutos

A presença de um cão de intervenção pode ser uma adição valiosa a sessões terapêuticas, mas é crucial que o comportamento do cão seja adequado às diferentes atividades propostas. O animal deve ser capaz de manter-se sentado ou deitado por períodos maiores de tempo, sem buscar interação ou proporcionar

distrações aos participantes, principalmente em atividades de leitura assistida por animais.

5.3 Sugestão de ficha de avaliação

FICHA DE AVALIAÇÃO PARA CÃES DE IAA DO CBMSC					
NOME DO CÃO:					
CONDUTOR:					
	<p>Antes do início dos testes, deve ser verificada a carteira de vacinação do cão, com antirrábica, polivalente e vermífugo válidas, bem como a limpeza do animal. São avaliados vinte itens, totalizando cem pontos. O avaliado deve atingir nota mínima de setenta pontos e não reprovar em nenhum teste. São permitidas 03 (três) tentativas na mesma data. O somatório máximo é de 100 pontos. Considera-se aprovado o cão que obtiver no mínimo 70 pontos.</p>				
Conduta avaliada		Reprovado (Falha)	Insuficiente (1 ponto)	Regular (3 pontos)	Bom (5 Pontos)
1	Aceitar ser carregado por um estranho	()	()	()	()
2	Cumprimentar pessoas novas sem medo ou entusiasmo incontrolável e aceitar carícias	()	()	()	()
3	Confortável com ser examinado e tocado levemente por todo o corpo	()	()	()	()
4	Confortável ao ser acariciado e abraçado de maneira desajeitada	()	()	()	()
5	Confortável com escovação leve ou desajeitada	()	()	()	()
6	Confortável com um leve empurrão por trás	()	()	()	()
7	Confortável ao ser acariciado e cercado por várias pessoas	()	()	()	()
8	Confortável com um barulho alto de objetos e pessoas	()	()	()	()
9	Confortável ao redor de alguém agindo de maneira incomum	()	()	()	()
10	Caminhar, com o condutor, sem manter tensionada a guia	()	()	()	()
11	Andar através de uma multidão, sem tensionar a guia	()	()	()	()
12	Sentar-se e deitar-se sob comando	()	()	()	()
13	Ficar sob comando	()	()	()	()
14	Vir quando chamado, mesmo quando há petisco e objetos próximo	()	()	()	()
15	Aceitar adequadamente um petisco	()	()	()	()
16	Permanecer tranquilo quando em deslocamento na mesa móvel	()	()	()	()
17	Permanecer calmo na breve ausência do Condutor	()	()	()	()
18	Permanecer calmo frente a pessoas com restrição de movimento	()	()	()	()
19	Não demonstrar interesse excessivo em ataduras e curativos	()	()	()	()
20	Permanece calmo enquanto o condutor lê, por cinco minutos	()	()	()	()

NOTA FINAL _____

AVALIADOR

CONDUTOR

CONCLUSÃO

Primeiramente, a busca de informações nacionais provou-se um desafio, pois não foi encontrada nenhuma forma de certificação para cães de intervenções no Brasil. As entidades contatadas não deram retorno ou afirmaram utilizar-se de modelos internacionais. Dessa forma, foram congregados dados de entidades norte-americanas, que já realizam certificações há algumas décadas. A análise de alguns dos diversos modelos existentes permitiu identificar elementos-chave que contribuem para a eficácia e a padronização dos processos de certificação. Foi definido um perfil almejado, com as características usuais dos cães de intervenções. O objetivo era a formação de uma base sólida para a criação de um modelo adaptado à realidade e necessidades específicas da nossa Corporação.

Após, foram compiladas, de forma resumida, as atividades educacionais, pedagógicas e terapêuticas com animais realizadas em parceria com o Corpo de Bombeiros de Santa Catarina nos últimos vinte anos, nos quais restou evidente a amplitude e abrangência dos projetos em locais como escolas tradicionais, centros especializados e dentro de ambientes hospitalares, que ensejaria uma certificação multifacetada. Tal etapa foi particularmente difícil, pois não há registro unificado junto ao CBMSC, sendo necessária a busca em jornais, sites e outras mídias dos veículos de comunicação.

Por fim, com os dados tratados, foi proposto um modelo de certificação para os cães de intervenções da Corporação, visando atender não apenas aos padrões internacionais, mas também às demandas específicas do contexto local.

Dessa forma, a implementação do modelo proposto não apenas elevará o padrão de certificação de cães de intervenções no Corpo de Bombeiros de Santa Catarina, mas também contribuirá para a eficiência operacional e o bem-estar emocional dos profissionais envolvidos. A continuidade do acompanhamento e avaliação do modelo permitirá ajustes conforme necessário, garantindo sua relevância e eficácia ao longo do tempo

REFERÊNCIAS

BARKER, S. B.; DAWSON, K. S. The Effects of Animal-Assisted Therapy on Anxiety Ratings of Hospitalized Psychiatric Patients. **Psychiatric Services**, v. 49, n. 6, p. 797–801, jun. 1998.

BINFET, J.-T.; ELIZABETH KJELLSTRAND HARTWIG. **Canine-Assisted Interventions**. [s.l.] Routledge, 2019.

BECKER, Marty, MORTON, Danelle. **O poder curativo dos bichos: como aproveitar a incrível capacidade dos bichos de manter as pessoas felizes e saudáveis**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional dos Corpos de Bombeiros do Brasil - LIGABOM. **Regulamentação do emprego dos cães de salvamento nas atividades dos Corpos de Bombeiros Militar**. Brasil, 2019.

BROOKS, H. L. et al. The power of support from companion animals for people living with mental health problems: a systematic review and narrative synthesis of the evidence. **BMC Psychiatry**, v. 18, n. 1, 5 fev. 2018.

CHELINI, Maria Odile Monier.; OTTA, Emma/coordenadoras. **Terapia Assistida por Animais**. Barueri,SP: Manole, 2016. 364 p.

ELIAS, ANA BEATRIZ DE OLIVEIRA. **Perfil do cão coterapeuta: revisão de literatura**. 2022. Monografia (Bacharel em Zootecnia) - Orientadora Prof^ª. Dra. Aline Sousa Camargos, [S. l.], 2022.

FAQUETTI, Marouva Fallgatter; VANIN, Mariléia; BLATTMANN, Ursula. Apresentação de trabalhos escolares: a biblioteca no processo de aprendizagem. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: FEBAB, 2005.

FINE, Aubrey H. **Handbook On Animal-assisted Therapy: Theoretical Foundations**

and Guidelines for Practice. 3rd ed. Amsterdam: Elsevier/Academic, 2010.

JONES, A.C.; GOSLING, S.D. Temperament and personality in dogs (*Canis familiaris*): a review and evaluation of past research. **Applied Animal Behavioural Science**, v.95, 2005

JORDAN, J; BRADY, CM. Getting Involved in Canine Assisted Therapy. **Purdue extension: knowledge to go**, [S. l.], 15 jan. 2008.

KRUG, F. D. M; et al. Intervenções assistidas por animais em pacientes com transtornos mentais. **Brazilian Journal of health Review**, v.2, n.6, 2019.

SILVA, C. N; et al. A Cinoterapia: uma alternativa de terapia para pessoas com necessidades especiais. In: XX Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2015, Cruz Alta. **Anais[...]** Cruz Alta: XX Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2015.

SILVA, E. P; et al. Avaliação do bem-estar de um cão coterapeuta do projeto Pet Terapia. 5ª Semana integrada UFPEL, 2019, Pelotas. **Anais[...]** Pelotas: 5ª Semana Integrada UFPEL, 2019.

SOARES, D.F.G. et al. **Terapia assistida por animais: teoria e prática**. Caratinga: FUNEC Editora, 2018.

SOUSA, Nathânia Kaliery Lucena, **Terapia facilitada por cães: estudo de caso**. Orientadora: Prof^ª. Dra . Ivia Carmem Talieri. Universidade Federal da Paraíba, junho, 2016.

SQUILASSE, A. F.; JUNIOR, F. T. S. Intervenções assistidas por animais. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia** do CRMV- SP, v.16, n.2, 2018.